

"Aliança espúria de cassadores e cassados"

Em longa entrevista à imprensa após a audiência com o presidente Figueiredo, o deputado Paulo Maluf afirmou que foi levar ao Presidente os números que dão conta de sua atual vantagem no Colégio Eleitoral. Maluf analisou com Figueiredo os votos de que dispõe no PDS, enumerou os já garantidos, segundo ele, na oposição, e fez um balanço da real importância da dissidência liberal de seu partido, atualmente na Aliança Democrática do ex-governador Tancredo Neves.

Esses trechos principais da entrevista do candidato do PDS à imprensa paulista:

Como foi o encontro com o presidente João Figueiredo?

Eu vim para fazer uma visita de cortesia ao Presidente. Fiquei muito satisfeito em saber que ele, graças a Deus, está praticamente com 80 por cento de recuperação no que se refere ao problema do nervo que o atormentava e lhe dava muitas dores e posso dizer que vi um outro Presidente. Na semana passada, ele estava realmente muito tenso, com muitas dores, quando estive no Torto. Tinha alguma dificuldade até de encontrar uma posição onde ele pudesse falar sem ter essas dores e hoje graças a Deus eu vejo o Presidente numa grande alegria, realmente muito expansivo.

O Sr. chegou a fazer uma avaliação de sua campanha ao Presidente?

Eu fiz um pequeno relato, porque no meio da conversa sempre vem um pouco o problema político. Como é que está a posição de tal deputado, como está a posição de tal senador, como está a posição de tal governador. E nós fizemos uma pequena avaliação que, aliás, o Presidente já conhecia. O Presidente está perfeitamente de acordo. Dentro da nossa avaliação, eu continuo firme no cálculo que hoje a chapa Paulo Maluf - Flávio Marçilio esta com 76 votos de vantagens e não tenho nenhuma dúvida de que, através da reunião que teremos dia 26 em Brasília, com o PDS do Brasil inteiro, nós vamos cerrar fileiras em um trabalho conjunto, em um trabalho eu diria até cooperativo, para chegar até o fim de outubro com mais de cem votos de vantagem.

O Sr. tem conseguido ampliar esse número de votos?

Nós devemos, a partir de quinta-feira, de acordo com a programação que está sendo feita pela nossa assessoria, reiniciar as visitas aos Estados, manter contato com os políticos nos Estados e continuar a mesma campanha que estamos fazendo há cerca de um ano e meio, seja no contato das idéias, no contato do compromisso, no contato da defesa de nossa plataforma.

Os jornais de hoje continuam insistindo que dirigentes de sua campanha, líderes malufistas insistem na mudança do quadro de auxiliares diretos do presidente Figueiredo, entre eles, o ministro Leitão de Abreu. O sr. confirma isso?

Quero dizer aos senhores que ninguém, nenhum ser hu-

mano é igual a outro ser humano. Nem eu tenho um temperamento, uma maneira de agir muitas vezes igual ao meu irmão de sangue. Então não se pode exigir também que dentro de um governo que seja pessoa jurídica, que todos tenham exatamente a mesma maneira de ação. E por razões evidentemente éticas, o Governo está influenciando através do peso político dos homens do Governo. Eu estou da minha parte perfeitamente tranqüilo porque a nossa campanha vem sendo feita desde o início com os nossos companheiros. A campanha vem sendo feita por nossos companheiros da classe política. São os senadores que me apoiam, são os deputados federais que me apoiam os meus amigos de longa data que estão fazendo minha campanha. Agora, o Governo entra através de alguns ministros que estão trabalhando com afinco, eu diria de maneira supletiva, para que através deles e do prestígio pessoal do Presidente, nós tenhamos uma grande vitória.

O governador Jair Soares disse pelos jornais que o Sr. matematicamente não vence no Colégio Eleitoral. Como o Sr. está vendo isso?

Se há um estado onde quero dar uma palavra de agradecimento, essas palavras de agradecimento eu quero dirigir aos políticos do PDS do Rio Grande do Sul. Todo mundo sabe que até por razões regionais, o Rio Grande do Sul tinha que marchar em sua maioria, com nosso companheiro, o ministro Mário Andreazza. Mas terminada a convenção, foi praticamente voz unânime que eles iriam marchar com o candidato partidário. Então, se há um Estado onde eu quero realmente realçar a minha gratidão, por uma postura partidária ética, esse Estado é o Rio Grande do Sul.

Em relação aos nomes que o Sr. trouxe ao presidente Figueiredo. Quem o apóia, quem não o apóia, quem são, o que foi discutido especificamente sobre essa falta de votos.

O excesso de votos.

É o Sr. quem diz.

Lógico. (risos). É evidente que o problema de fidelidade partidária depois que alguns companheiros do PDS resolveram ter uma outra alternativa política, o problema da fidelidade partidária ficou praticamente um item esquecido nas campanhas eleitorais. Então, o Colégio Eleitoral ficou praticamente aritmético. E no momento em que o outro candidato diz que não tem o apoio do PT, não tem do PDT, não tem do PTB e nem tem do PMDB, que existem os dissidentes do Só Diretas — e procura consolidar o seu apoio no PDS, é lógico que também da nossa parte nós não só temos o apoio da maioria de nossos companheiros do PDS, mas temos também um entendimento em outros setores, em outros partidos, que estão descontentes com essa aliança espúria de cassadores e cassados, aliança de pessoas que hoje amaldiçoam os 20 anos, mas estiveram nos 20 anos em cargos

biónicos e pessoas que realmente são coerentes no PMDB e que não vêem também com bons olhos esse tipo de aliança. Então, desta soma toda, há algumas subtração do partido e algumas adições de outros partidos e essa soma, graças a Deus, é uma soma positiva.

Ontem (sexta-feira), o presidente Figueiredo foi indagado se acreditava na vitória do PDS no Colégio Eleitoral e ele disse que não podia responder porque não era profeta. Como o Sr. vê isso?

O presidente Figueiredo é um homem que tem todas as condições de, em entrevista coletiva, dar aos Srs. uma colocação de um homem bem informado. Eu até folgo em que ele não deu nenhuma entrevista coletiva, ele deu justamente aqui em São Paulo para os Srs.

O Sr. pretende visitar todos os estados em sua campanha? Inclusive aqueles que são governados por governadores que ainda não manifestaram apoio à sua candidatura?

Nós vamos visitar como fizemos antes da convenção, todos os estados brasileiros, vamos visitar a classe política, vamos visitar os governadores, os vice-governadores, os presidentes de assembleia, os deputados federais que lá estiverem, os deputados estaduais, numa agenda que será pública e da qual o Srs. terão todo conhecimento com antecedência.

O presidente disse na entrevista de ontem (anteontem), que era imprescindível que o próximo presidente promovesse uma consolidação do processo democrático. O que o Sr. pretende fazer a respeito disso, o que o Sr. entende por consolidação?

Eu desejo, a partir de 15 de março, iniciar uma tarefa que no meu entender é árdua e tem que ser levada com muito respeito pelas pessoas mais categorizadas do País, que é a tarefa de nos dar uma nova constituição. Uma constituição consolidada, democrática, que entre seus preceitos maiores restabeleça a eleição direta em todos os níveis, não só para a Presidência, mas também para prefeitos da capital, para prefeitos das estâncias. Enfim, nós iremos consolidar, como presidente da República, essa abertura democrática que Figueiredo iniciou e praticamente completou.

No que concerne às liberdades individuais, o Sr. alteraria a Lei de Segurança Nacional.

Essa é uma das leis que me parece foi recentemente modificada pelo próprio Congresso e essa legislação recebeu não só o apoio do PDS mas de todos os outros partidos. Foi uma legislação nova, eu diria altamente democrática e muito liberal, tirando diversos dispositivos autoritários das leis anteriores e que até foi muito elogiada pela própria Igreja Católica e pela própria CNBB. Esta lei, a mim parece, como todas as leis, pode evoluir, pode ser modificada. Mas já foi

modificada em dezembro passado e me parece com a aceitação de toda a classe política e de toda a sociedade civil.

O Sr. vai conseguir fazer refluir um maior número de elementos da Frente Liberal para sua candidatura?

Olha, muitos companheiros do PDS já estão inclusive de uma certa maneira arrependidos de terem tomado uma determinada posição fora do partido, porque não estão encontrando espaço de sobrevivência. Os companheiros do PDS sabem que depois de 84, ou depois de 85, vem 86 e todos aqueles que não tiverem espaço político garantido, porque os compromissos anteriores eram com companheiros do PMDB fizeram um mau negócio, ou seja, eles foram para um outro candidato e com isso politicamente se acabaram, se suicidaram. De maneira que eu não tenho nenhuma dúvida que vai funcionar na eleição de 15 de janeiro não só o interesse da eleição do futuro presidente da República, que é o interesse maior, mas também as próprias acomodações a nível regional.

— O Presidente disse que não era profeta. Ele não estava seguro?

— O Presidente está absolutamente seguro pelos dados que eu dei. Ele não é profeta, mas eu estou seguro de minha vitória pelos dados que dei a ele.

— O Sr. tem certeza?
— Perguntem a ele hoje.
— No que o Sr. está baseando sua campanha?

— Estou baseando minha candidatura e minha campanha no nosso esforço e no de nossos companheiros. Todos sabem que eu fui sempre um candidato de oposição. Eu não fui candidato de situação. Eu fui um candidato que cheguei até aonde cheguei, pelo esforço de nosso grupo político. E nós vamos ganhar também pelo esforço do grupo político nosso. Agora, supletivamente, eu me sinto muito feliz que o presidente Figueiredo seja o comandante desta vitória porque ele tem prestígio inequívoco com muitos políticos, senadores, governadores, deputados federais e seu apoio soma. A verdade é que em 78, na Arena, eu fui a maior oposição desse País. Eu fui oposição. Em 84, vocês são testemunhas que eu não tive nenhum ministro me apoiando, nenhum governador e nós estamos aqui.

— Então o Sr. continua sendo candidato de oposição e não de situação?

— Eu sou o candidato das mudanças, um candidato com estilo próprio, eu tenho normas próprias de ação. Não sou candidato de revanchismo nem de perseguição, mas em hipótese nenhuma serei candidato de continuísmo. Eu sou candidato que tem programa próprio — o programa Brasil Esperança, que estou divulgando impresso para que todos saibam o que desejo fazer. Saibam como vou fazer e depois de 15 de março me cobrem todos juntos sobre como vamos governar juntos.